

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Varnhagen, Francisco Adolfo de (Sorocaba, Brasil, 1816 – Viena, Áustria, 1878)

Em 1802, Friedrich Ludwig Wilhelm de Varnhagen, militar e engenheiro de origem germânica, foi contratado pelo governo português para comandar, sob a direção do intendente José Bonifácio de Andrada e Silva, a fábrica de ferro de São João de Ipanema, em Sorocaba, São Paulo. Em 1806, casou-se com D. Maria Flávia de Sá Magalhães, de nacionalidade ainda incerta. Foi nessa localidade que, em 17 de fevereiro de 1816, nasceu aquele que será considerado o mais importante historiador brasileiro do século XIX, Francisco Adolfo de Varnhagen, cuja vida, do início ao fim, foi extremamente movimentada. Aos sete anos parte, com a família, para Portugal. No final de 1825, em Lisboa, ele ingressou no Real Colégio da Luz, onde realizou sua formação básica. Prosseguiu uma formação militar e científica nas Academias da Marinha e de Fortificação e na Escola Politécnica. Em julho de 1833, envolveu-se na guerra civil portuguesa ao lado das tropas de D. Pedro. Como recompensa obteve o posto de Oficial da Artilharia. Não obstante, ele se esquecera, segundo lemos em uma carta de sua autoria remetida a José de Sousa Soares de Andréa, de solicitar ao governo brasileiro a licença necessária para se engajar no exército de outro país. Isso retardou o processo de reconhecimento de sua nacionalidade que lhe foi concedida pelo imperador brasileiro apenas em 1841. A esta altura, já era membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, do Conservatório Real de Lisboa e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838 no Rio de Janeiro. Em 1842, foi nomeado adido de primeira classe na Legação brasileira em Portugal, com a missão principal de pesquisar os documentos relativos à história, à geografia e à legislação do Brasil. De Lisboa é transferido, em 1847, para Madri. Entrementes, visitou vários países da Europa em busca de arquivos e bibliotecas e publicou seu mais conhecido trabalho: *a Historia geral do Brazil* (1854-1857). Em 1858, foi nomeado Ministro Residente no Paraguai. Em 1864, casou-se com a chilena Carmen Ovalle y Vicuña, oriunda de uma família aristocrática. Após uma década na América Latina, Varnhagen foi removido, em 1868, para à Áustria, como ministro residente na corte de Francisco José I. Barão de Porto Seguro em 1872, depois, em 1874, Visconde de Porto Seguro, Varnhagen morreu em Viena em 1878.

Quem foi, afinal, Varnhagen? Discípulo de Ranke, dos positivistas, dos metódicos? Seria um detalhe praticamente não haver referências a Ranke em seus trabalhos? Em que positivismo ou em que princípio metódico deveríamos enquadrá-lo? Comte e Monod também são autores ausentes em sua obra. Capistrano de Abreu, em 1878, não lamentava que Varnhagen "ignorasse ou desdenhasse o corpo de doutrinas



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

criadoras que nos últimos anos se constituíram em ciência sob o nome de sociologia"? (*Necrológio*, 1878, p. 507) E Gilberto Freyre, em *Casa Grande & senzala*, não o considerava de "um simplismo infantil quando deixa(va) a pura pesquisa histórica, pela filosofia da história"? Por outro lado, ele também não participou inteiramente deste movimento epistemológico que se consolidou no século XIX, tributário da filosofia da história de Voltaire, de recusa à erudição, definida principalmente por seu componente antiquário. Sem pretender situá-lo em uma difícil e duvidosa história das influências podemos, ao menos, afirmar que Varnhagen compartilha de uma série de noções gerais e difusas da moderna historiografia Oitocentista que surgem um pouco por todos os lugares à revelia da identificação com uma corrente teórica determinada: ou seja, aquela do estabelecimento da verdade histórica através do trabalho nos arquivos, da busca de documentos originais, da objetividade narrativa e da imparcialidade do historiador, características que revelam, por outro lado, indisfarçáveis traços da tradição erudita e documental da Academia Real das Ciências de Lisboa. "A escola histórica a que pertencemos – declara no prefácio à *Historia das luctas com os Holandezes no Brazil* – é, como já temos dito por vezes, estranha a essa demasiado sentimental, que, pretendendo comover muito, chega a afastar-se da própria verdade" (1871, p. XXV). Desse conjunto de prescrições, a mais decisiva para a epistemologia histórica do século XIX era a questão da imparcialidade do historiador. E nela, apesar de seu esforço retórico, Varnhagen perde-se completamente. A distinção entre sujeito e objeto da pesquisa, fundamento teórico da emergente ciência histórica, era uma premissa que ele tinha muita dificuldade em respeitar. Ele a elidia com mais freqüência que supunha e que nós, à primeira vista, possamos supor. A presença do autor no interior de suas composições é algo que impressiona. "Narraremos – explica o historiador no primeiro capítulo de sua *Historia geral do Brazil* – os sucessos segundo no-los hajam apresentados, em vista dos documentos, a reflexão e o estudo; e alguma que outra vez, sem abusar, tomaremos a nosso cargo fazer aquelas ponderações a que fomos levados por intimas convicções; pois triste do historiador que as não tem relativamente ao seu país, ou que tendo-as, não ousa apresentá-las" (1854, p. 12). Mesmo no seu trabalho mais ponderado, mais próximo do que a ciência da história do século XIX era capaz, ele não consegue se ocultar no texto. Nem ao menos procura dissimular sua presença. Por isso, um leitor atento como Capistrano de Abreu já nos advertia: "é preciso definir o temperamento de Varnhagen para bem compreender a sua *História geral*", a "massa ciclópica de materiais que acumulara". (*Sobre o Visconde de Porto Seguro*, 1882, p. 441; *Necrológio*, 1878, p. 505).

Varnhagen era monarquista. Sim, sem dúvida. E a sua maneira, era também um patriota. Era católico, como nunca cansou de afirmar. A crença, entretanto, não o impedia de censurar implacavelmente os jesuítas e, sobretudo, a inquisição. Egocêntrico e carreirista, embora anacrônicas em relação ao contexto, não são atribuições despropositadas. Ambicioso? Ele tinha até uma teoria explicativa para a ambição, dele e dos outros. Anti-indianista e hobbesiano são adjetivos que, talvez, igualmente lhe caíam bem, embora mais do que partidário de Hobbes, ele fosse um crítico de Rousseau. Anti-romântico? No início da sua trajetória intelectual com certeza não. Suas relações com Alexandre Herculano, Almeida Garrett e historiadores como o Cardeal Saraiva e Joaquim Heliodoro Cunha Rivara, diretor da Biblioteca de Évora,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

com quem trocou inúmeras missivas, somado a colaboração com o *Panorama* e com a *Revista Universal Lisbonense* são indicadores seguros. Mais tarde, sua postura crítica em relação aos índios do movimento romantismo. Apesar disso, ele parece guardar preceitos da atmosfera romântica, desde, por exemplo, a busca pelo original e pelo nacional como a paixão pelas viagens. Ademais, ele manteve uma estreita relação com os homens de letras brasileiros e portugueses, através de uma intensa correspondência, até o final de sua vida, que não necessariamente romperam com a concepção romântica da história e da literatura. Varnhagen é, acima de tudo, autor de uma obra imensa, que, embora a partir de certo momento privilegie a história, atravessa vários domínios, da literatura brasileira e portuguesa à crítica literária, passando pela biografia, pela etnologia, pela política e diplomacia, pela economia, pelo patrimônio arquitetônico, sobretudo o de Portugal, e mesmo pela filologia. Vários campos de saber escritos (em diversos idiomas) aproximadamente todos da mesma maneira: sem estilo, nem elegância. É quase um consenso que Varnhagen não é um bom escritor. Nem de história, nem de gênero algum. Ele vive, nesse caso, o dilema oposto a Michelet, que foi acusado, recorda-nos Roland Barthes, de ser um mau historiador *porque escrevia*, no lugar de simplesmente redigir. Já Varnhagen não *escrevia*, *redigia*. Essa crítica decorre antes de uma importante aporia da cultura histórica do século XIX e início do século XX, cuja origem talvez remonte ao princípio aristotélico da superioridade da poesia em relação à história, do que propriamente de uma orientação teórica de como ela deveria ser escrita. Assim, do mesmo modo que o IHGB, freqüentado por literatos em profusão, é um palco onde se manifestam as indefinições entre a moderna narrativa, científica, neutra e objetiva, e a narrativa literária, sujeita sempre às injunções da subjetividade do autor, também nas obras de Alexandre Herculano, Almeida Garret, Oliveira Lima e Tristão de Araripe, ou mesmo de Capistrano de Abreu, ou ainda de José Veríssimo, que, por mais que tentem sair dele, ainda respiram no mesmo regime de historicidade de Varnhagen, a questão não está definida e o bom e velho estilo ainda é um atributo importante.

Além disso, como o Michelet apresentado por Charles Péguy, Varnhagen é um historiador solitário. Ele não compartilha seu trabalho com ninguém. Ele se encerra nos arquivos onde compulsava, colige, copia e deixa, finalmente, sua “marca”. Em seguida ele ordena o material, divulga e publica o que bem entende, mas não sem antes fazer uma apreciação teórica, isto é, “uni-los e combiná-los – como escreve em uma carta – em doutrinas que façam tal ou tal corpo”. Esse gosto pelo arquivo fica claro na anedota contada, em 1903, por Oliveira Lima: ele lembra que quando jovem estudante de paleografia na Torre do Tombo e aluno do mestre José Basto (que fora um dos auxiliares de Alexandre Herculano na grandiosa *Portugalice Monumenta Historica*), tinha por hábito examinar minuciosamente velhos manuscritos em busca de documentos que, na sua “pretensão juvenil”, julgava capaz de desvendar alguns enigmas da história do Brasil. Foi com surpresa e desapontamento que em quase todos os papéis observou um pequeno “V”, escrito discretamente a lápis, de um pesquisador que o precedera: Varnhagen. Embora houvesse no IHGB uma exortação ao trabalho em equipe desde a sua fundação, na prática a pesquisa individual preponderava. O isolamento de Varnhagen em relação a seus pares não seria um traço específico de sua



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

personalidade intelectual, não fosse pelo fato de podermos relacioná-lo a certa necessidade que tem de ser o primeiro, o iniciador, aquele a quem se deve o começo. O epíteto de *Heródoto brasileiro* não lhe será atribuído pela historiografia moderna ao acaso. Não parece uma mera coincidência que Robert Southey, que tivera, em algum momento, a pretensão de que sua obra significasse para os brasileiros o que a de Heródoto representava para os europeus, tenha sido duramente criticado por Varnhagen. *History of Brazil*, publicada em três volumes nos anos 1810, seria, segundo o comentário que se encontra na primeira edição da *Historia geral do Brasil*, de 1854, sem unidade, desordenada, repetitiva e fatigante, características responsáveis pela sua frágil recepção (a ausência, naquele momento, de uma tradução para o português é simplesmente desconsiderada pelo brasileiro). É compreensível, pois Southey antes de ser um bom historiador era, conforme uma precisão nada desinteressada de Varnhagen, no segundo volume da *História geral do Brasil*, de 1857, um "ilustre poeta laureado". A obra do inglês poderia, no máximo, aspirar à condição de *Memória para escrever a história do Brasil e dos países do Prata*. Quase uma fonte portanto. Quem sabe por essa razão ele tivesse tanta dificuldade de se distanciar dela. Ao que tudo indica, a primeira história do Brasil deveria ser a dele, e o primeiro historiador brasileiro deveria ser ele. Não que Varnhagen pensasse isso desde o começo de sua carreira. A *Historia geral* inclusive foi pensada inicialmente como uma *Geographia Physica do Brazil*. A tentação herodoteana foi tomando forma aos poucos, à medida que suas pesquisas desenvolviam-se de forma cada vez mais profissional, conforme, enfim, o ritmo de seus movimentos. Por conseguinte, para se compreender Varnhagen, através de seus trabalhos e de sua copiosa correspondência, é preciso não perder de vista que se trata de um discurso que vem do passado racionalizado pelo autor; não há imprevidência nele, suas polêmicas, por vezes acrimoniosas, são contidas, na maior parte das vezes, à disputa acadêmica. E mesmo quando o controle sobre o verbo parece escapar-lhe, os ataques que profere revertem-se em defesa do seu caráter. Talvez não seja exagero dizer que boa parte do que sabemos sobre Varnhagen, a partir de seus escritos, é um pouco o que ele queria que nós soubéssemos a seu respeito. Ele preocupava-se com sua vida e com sua posteridade. Essa cautela, todavia, não apenas foi insuficiente para impedir que se criasse em torno dele uma imagem antipática como, ao que tudo indica, reforçou-a. Contudo, apesar de sua personalidade pouco sedutora, ele conseguiu impor-se, tornar-se imprescindível, irrecusável. Mesmo para aqueles que não o apreciam (e não parece, nem ontem nem hoje, que sejam poucos) ele se converteu em uma figura incontornável para o entendimento da história do Brasil e de suas relações com Portugal.

Assim sendo, após tantas viagens, bibliotecas e arquivos, no início de 1877, Varnhagen publicou, enfim, a segunda edição, revista e ampliada, da *História geral do Brasil*. Um episódio narrado nela é, de certo modo, responsável por sua última viagem ao Brasil. No capítulo dedicado a ocupação do Rio de Janeiro pelas tropas do francês Duguay-Trouin, o historiador afirma que "a primeira lição que devemos colher" é que a capital do império não podia continuar sediada na cidade do Rio de Janeiro. Desde o seu *Memorial orgânico* de 1849, o assunto povoava sua mente. Para dirimir com a maior brevidade possível o problema, ele solicita ao governo uma licença de seis meses e parte para o Brasil. Em seu retorno a Viena,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

escreve um opúsculo específico sobre o tema: *A questão da capital: marítima ou no interior?* Nesse pequeno texto, Varnhagen retoma as considerações que fizera sobre o assunto na nova edição da *Historia geral*: “publicadas estas linhas, o próprio acento de convicção que elas respiram fez estremecer a nossa consciência timorata, em presença da responsabilidade tomada, em tal obra, ante a posteridade. Figuro-se nos que não ficaríamos tranquilos enquanto, por nossos *próprios olhos*, nos não desenganássemos de todo, e à mesma posteridade, se tínhamos ou não razão em todos os nossos planos e propostas engendradas sobre o papel, no silêncio do gabinete”. No Brasil, percorreu mais uma vez a região onde nasceu. Após, encaminhou-se em direção a Goiás. Trabalho e sacrifício ditavam o ritmo das atividades do intrépido investigador: “empreendemos (levando conosco os competentes instrumentos, incluindo nada menos que três barômetros) uma penosa viagem a cavalo, nada menos que até à província de Goiás, por nossas primitivas estradas, para *de viso* e como antigo engenheiro, reconhecer essa notável paragem que a contemplação e estudo dos melhores mapas nos havia revelado”. (*História geral*, 1877, pp. 12-13) Para conhecer, reconhecer e assim abastecer a capacidade descritiva é preciso antes ver, mas com olhos afiados, criteriosos, poderíamos dizer científicos, como os de um “antigo engenheiro”, formado na antiga metrópole. O resultado são explanações que mostram como a situação do Brasil profundo não havia se alterado muito desde as viagens de John Mawe, de Spix e de Martius, de Neuwied ou de Saint-Hilaire, entre outros, durante os anos 1810-1820. A despeito das dificuldades do itinerário, o historiador avaliou seus resultados como proveitosos. Não somente confirmou o lugar propício, no seu entender, para a instalação da nova capital, sobre a qual tinha um “presentimento bem apoiado em dados geográficos”, como considerou que a região era apropriada à colonização européia, da qual era um infatigável defensor. Antes de voltar à Europa, passa pela Bahia. Varnhagen queria conhecer Porto Seguro e Ilhéus. Nessas cidades, realizou pesquisas com o objetivo de encontrar as fontes de suas respectivas fundações. Encontrou alguns documentos, mas decepcionou-se com o péssimo estado de conservação em que se encontravam. A viagem, no entanto, não fora inútil mas “de grande vantagem” porquanto o “conhecimento individual” que fez delas – dessas “duas localidades, núcleos de duas de nossas capitanias primitivas” – poderia ampliar sua capacidade de escrever a história: “melhor poderei descrever para o futuro”. Não se trata apenas de uma compensação à inexistência de documentos acessíveis ou confiáveis, mas de um expediente cognitivo: isto é, a visão aparece não como um último recurso, mas como instrumento de saber; portanto, não como uma metodologia alternativa, mas como fundamento epistemológico da pesquisa. Ou seja, ele não busca no presente os traços do passado de uma forma instantânea e irrefletida; a autópsia, metodologia dos antigos, em que o olho funciona, de acordo com François Hartog, como “marca de enunciação, de um *eu vi* como intervenção do narrador em sua narrativa para provar” (*Le miroir d’Hérodote...*, p. 272) o que afirma, não é em Varnhagen um dado imediato da consciência e sim um trabalho intelectual que requer conhecimento anterior e uma constante interlocução entre a inaturalidade pretérita e o presente. Sua intenção era a de um dia “depois de acabar a nossa *Historia da Independência*”, publicar o diário desta viagem – na qual inclusive acreditava ter encontrado o local exato da chegada de Cabral e da celebração da primeira missa. O



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

historiador-viajante não teve tempo de escrevê-lo. As vicissitudes da viagem provocaram-lhe uma doença fatal. Em 29 de junho de 1878, com 62 anos, o Visconde de Porto Seguro morre em Viena, longe, como sempre, de sua terra natal. Em seu testamento consta a orientação de que no local de seu nascimento fosse erigido um monumento à sua memória. Quatro anos após seu desaparecimento, nas terras da *Real Fabrica de Ferro de São João de Ipanema*, sua vontade foi atendida. Em uma das faces do pedestal se lê a seguinte inscrição: “À memória de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nascido na terra fecunda descoberta por Colombo, iniciado por seu pai nas coisas grandes e úteis. Estremeceu sua Pátria e escreveu-lhe a História. Sua alma imortal reúne aqui todas as suas recordações”. Não se sabe quem escreveu esse epíteto. Pode ter sido um amigo, um admirador, alguém da família ou o próprio Varnhagen. Seja como for, a solicitação do historiador não precisa ser percebida apenas como um reflexo egocêntrico, mas talvez como uma atitude preventiva. Tudo indica, a partir do que se sabe sobre sua vida, que Varnhagen tinha o pressentimento de não ser muito popular em seu país, e que desconfiava da fidelidade de seus colegas em preservar sua memória. Ele sempre reivindicou que a pátria reconhecesse seus grandes homens. Parece que não mudou de opinião, mesmo após a morte! Eis aqui um dos limites do paradoxo de Varnhagen: o melhor historiador da nação tinha dificuldades em ser reconhecido como desejava, sobretudo no IHGB; o grande patriota que não está quase nunca na sua pátria. Nota-se, tanto na sua correspondência, quanto na sua obra, que Varnhagen passou boa parte de sua vida procurando resolver esta ambigüidade, ou, no mínimo, a dominar este sentimento de desterrado. Ele procurou estabelecer uma ligação constante, uma coerência íntima entre os termos discordantes de sua existência, como brasileiro e como historiador da nação. A imensa obra dedicada ao Brasil e à sua vinculação com Portugal, não seria uma maneira, para ele, de estar sempre entre os brasileiros e entre os leitores lusos? “Toda a modéstia – escreveu em carta a D. Pedro II em 1854 – não é bastante para que eu não reconheça que a *História do Brasil*, ao menos em muitos de seus períodos, fica com a minha obra de uma vez escrita, e que ela viverá (a obra) eternamente, e fará eternamente honra, ao Brazil e ao reinado de Seu Excelso Protetor”. Como a obra de Tucídides: uma aquisição para sempre. Parece-me que o conjunto dos trabalhos e daquilo que se sabe sobre sua vida pode ser interpretado como tentativas de organização de duas temporalidades distintas e simultaneamente imbricadas: a da história do Brasil, e a da sua biografia. O mesmo cuidado em atribuir um sentido à história da nação, seu passado, presente e futuro, ele tem consigo. A história é um instrumento desse duplo reconhecimento. Com ela se conhece, se compreende. Com ela, Varnhagen prova sua nacionalidade e a do próprio país. A historiografia varnhageniana encerra assim um drama de ordem psicológica particular, onde tudo se confunde constantemente: ao mesmo tempo resposta a uma questão existencial, e uma tentativa de explicação às necessidades, conscientes ou inconscientes, do Brasil: quem somos? De onde viemos? Sua obra, sua carreira diplomática, seus abundantes escritos epistolares, seu testamento, que são elementos constituintes deste discurso do Oitocentos que chamo de *retórica da nacionalidade*, participam de uma lógica, ao mesmo tempo, retrospectiva e prospectiva, através da qual é possível se perceber a consistência e a constância que ele desejava conferir a sua existência.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Estratégia de ação que não passa de uma ilusão biográfica? Não estou certo. Parece-me, que mais do que induzir a um simples logro da imaginação, os traços da vida e o conjunto da obra de Varnhagen, revelam se não uma crença pessoal em quem ele era, o que ele representava de fato e o que poderia vir a representar, ao menos uma sólida intenção de não apenas inventar uma biografia mas também de protegê-la, enfim, uma vontade intensa de cuidar de si.

O legado da obra de Varnhagen, especialmente sua *História geral do Brasil*, à cultura histórica brasileira e às relações com a historiografia portuguesa produziu efeitos estáveis. Transformado em manual de história pátria por Joaquim Manoel de Macedo destinado aos alunos do Colégio Pedro II, a *História geral* já conta com dez edições. Àquelas que foram publicadas pelo próprio autor, acrescenta-se a terceira que começou, em 1906, com Capistrano de Abreu, mas que foi interrompida. Rodolfo Garcia retoma o projeto e, em 1928, publica, em cinco tomos, a terceira/quarta edição integral, incorporando aos seus próprios comentários o trabalho de Capistrano de Abreu. As edições seguintes reproduzem esta última. A fortuna crítica da obra de Varnhagen, notadamente, sua *História geral*, talvez tenha sido superada pela grande *História geral da civilização brasileira*, do início dos anos 1960, de Sérgio Buarque de Holanda. Mas, não nos enganemos, se Varnhagen perde centralidade, sua obra e sua *História geral*, permanecem, se não como os “quadros de ferro”, como dizia Capistrano de Abreu, da historiografia brasileira, ao menos como uma fonte estruturante.

Varnhagen deixou a esposa e dois filhos, Xavier e Luis (a primogênita faleceu com apenas três anos). Xavier, nascido em Lima, morre em 1894, aos 29 anos. Sua mãe publicou suas memórias, escritas originalmente em francês, em 1896. Luis, nasceu em Viena, e adotou a nacionalidade materna, e como o pai tornou-se diplomata, porém do governo chileno. Seu último posto foi o de Ministro Plenipotenciário em Berlim. Morreu no Rio de Janeiro em 1939. Os filhos de Varnhagen não tiveram descendentes. Os Porto-Seguro, antes da metade do século XX, não existiam mais.

Bibliografia activa: *Noticia historica e decriptiva do mosteiro de Belem*, Lisboa, Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, s/d.; "Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de *Noticias do Brazil*", in *Collecção de Notas para a Historia e Geographia Ultramarinas*, t. V, n. II, Lisboa, Typographie da Academia, 1839; "Chronica do descobrimento do Brazil", in *O Panorama: jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*, vol. 4, jan-dez, 1840, 18/I: pp. 21-22; 1º/II : pp. 33-35; 8/II: pp. 43-45; 15/II: pp. 53-56; 29/II: 68-69; 14/III: pp. 85-87; 28/III: pp. 101-104; "Ensaio historico sobre as letras no Brazil", Lisboa, Imprensa Nacional, 1850; *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil*, Paris, Imprimerie de L. Martinet, 1858; *Memorial Organico, que a consideracam das assembleias geral e provinciaes do imperio*. Apresenta um brasileiro. Dado a luz por um amante do Brasil, Madri, na Imprensa da viuva de D. R. J. Dominguez, 1849-1850; A. *Succinta indicacão de alguns manuscriptos importantes relativos ao Brazil e a Portugal, existente no Museu Britannico em Londrese não comprehendidos no catálogo Figanière, publicado em Lisboa em 1853, ou simples*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

additamento ao mesmo catálogo, Havana, Imprenta La Antilha, 1863; *Da litteratura dos Livros de Cavallarias. Estudo breve e consciencioso: com algumas novidades acerca dos originaes portugueses e de várias questões co-relativas, tanto bibliographicas e linguisticas como historicas e biographicas, e um facsimile*. Vienna, Imp. de C. Gerold, 1872; *Theophilo Braga e os antigos romanceiros de trovadores: (provarás para se juntarem ai processo)*. Vienna, Ed. por conta do autor, 1872; *L'Origine Touranienne des Américains Tupis-Caribes et des Anciens Egyptiens. Indiquée principalement par la philologie comparé: traces d'une ancienne migration en Amérique, invasion du Brésil par les Tupis, etc*. Vienne. Librairie I. et R. de Faesy &

Historia das luctas com os Holandezes no Brazil, desde 1624 a 1652 (1871), Lisboa, Typographia de Castro Irmão, 1872, nova edição melhorada e acrescentada; *Historia Geral do Brazil*. Madrid, Imprensa da V. de Dominguez, 1854. T. I; 1857 (3^o/4^o éd., anotada por J. Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia, São Paulo, 5 tomos, Companhia Editora Melhoramentos, 1927-1928); *A questão da capital: maritima ou no interior?*, Vienna d'Austria. Imp. do Filho de Carlos Gerold, Edição por conta do Autor, 1877; "Historia da Independencia do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metropole, compreendendo, separadamente, a dos successos occorridos em algumas provincias até essa data", in *Revista do IHGB*, 1916/1917, 79, pp. 5-598.

Bibliografia passiva: ABREU, J. Capistrano de. "Necrológio de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (1878)", *apud* VARNHAGEN, F. A. de. *História geral do Brasil*, Appenso à 3^o/4^o éd., São Paulo, Companhia Editora Melhoramentos, 1928, tomo I, pp. 502-508; ABREU, J. Capistrano de. "Sobre o Visconde de Porto Seguro (1882)", *apud* VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil*, Appenso à 3^a/4^a ed., SP, Melhoramentos, 1928, pp. 435-444; BATALHONE JUNIOR, Vitor. *Uma história das notas de rodapés: o processo de anotação da História geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1953)*, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PPG em História-UFRGS, 2011, CEZAR, Temístocles. «Em nome do pai, mas não do patriarca. Ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen», *História* (Unesp), São Paulo, 2005, 24/2, pp. 207-240; CEZAR, Temístocles. «Varnhagen em movimento. Breve antologia de uma existência», *Topói*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul-dez, 2007, pp. 159-207; CEZAR, Temístocles. «Anciens, Modernes et Sauvages, et l'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle. Le cas de l'origine des Tupis», *Anabases. Traditions et Réceptions de l'Antiquité*, Toulouse, 8, 2008, pp. 43-65; CEZAR, Temístocles. «As incertezas da escrita da história. Ensaio sobre a subjetividade na *Historia geral do Brazil* de F. A. de Varnhagen (1854-1857)», HERMANN, Jacqueline, AZEVEDO, Francisca, CATROGA, Fernando (orgs.). *Memória, escrita da história e cultura política no mundo luso-brasileiro*. RJ, FGV, 2011, pp. 57-72; GUIMARÃES, Lúcia M. Paschoal. «Francisco Adolfo de Varnhagen. História geral do Brasil», MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Um banquete no trópico 2*, São Paulo: Editora SENAC, 2001, pp. 77-96; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil (1838-1857)*, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2011; HARTOG, Fr. *Le miroir d'Hérodote. Essai sur la représentation de l'autre*, Paris, Gallimard, 1991, p. 272; LESSA, Clado Ribeiro. «Vida e obra de Varnhagen», *Revista do IHGB*, vol. 223, abril-junho,

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1954, pp. 82-297 ; vol. 224, julho-setembro, 1954, pp. 109-315 ; vol. 225, outubro-dezembro, 1954, pp. 120-293 ; vol. 226, janeiro-março, 1955, pp. 3-168 ; vol. 227, abril-junho, 1955, pp. 85-236; MOREIRA, Thiers Martins. « Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira », *Revista do IHGB*, 275, 1967, pp. 155-169; ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo. Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*, São Paulo: Unesp, 1997, pp. 31-113; REIS, José Carlos. «Ano 1850: Varnhagen. O elogio da colonização portuguesa», *As identidades do Brasil. De Varnhagen a FHC*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999, pp. 23-50; RODRIGUES, José Honório. «Varnhagen, mestre da história geral do Brasil», *Revista do IHGB*, vol. 275, abril-junho, 1967, pp. 170-196; SCHWARTZ, Stuart B. «Francisco Adolfo de Varnhagen: diplomat, patriot, historian», *The Hispanic American Historical Review*, may, 1967, vol. XLVII, nº 2, pp. 185-202; SILVA, Taíse T. Quadros da. *A reescritura da tradição: a invenção historiográfica do documento na História geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1857)*, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PPG em História-UFRJ, 2006; SANTOS, Evandro. *Tempos da Pesquisa, Tempos da Escrita: a biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen (1840-1873)*, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PPG em História-UFRGS, 2009; SILVA, Innocencio Francisco. *Diccionario bibliographico portuguez*, T. II, Lisboa, 1859, pp. 319-322 ; T. IX, 1870, pp. 242-246; WEHLING, Arno. *Estado, história e memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

Temístocles Cezar



APOIOS:

